

Idéias

EM REVISTA

Revista mensal do Sindicato dos Servidores
das Justiças Federais do Estado no Rio de Janeiro
ANO I, número 2 – Maio / 2006



Vitória da greve

PCS: Mobilização dá resultado

**Jornada de 6 horas:
Para prolongar a vida**

As origens da capoeira

**SISEJUFE-RJ presente no
III Encontro de Comunicação da Fenajufe
e no VII Fórum Internacional de**



**Associação para o
Desenvolvimento da
Imprensa
Alternativa**

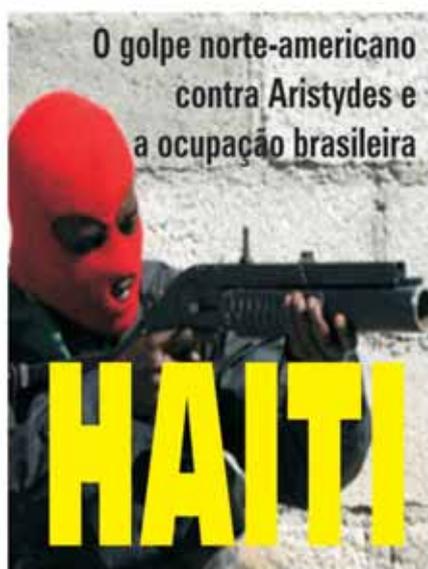
www.portalpopular.org.br
(21-22339039 r.232)

Produção de DVD para 2006

Depois 10 anos na edição de revistas, a ADIA decidiu ocupar um novo espaço explorando o potencial do audiovisual com a seguinte programação para 2006:

DOSSIÊ COLÔMBIA

Lançamento no dia 21/06



120 minutos

RAÍZES: Idéias, Músicas

Lançamento no dia 25/06

REFORMA SINDICAL

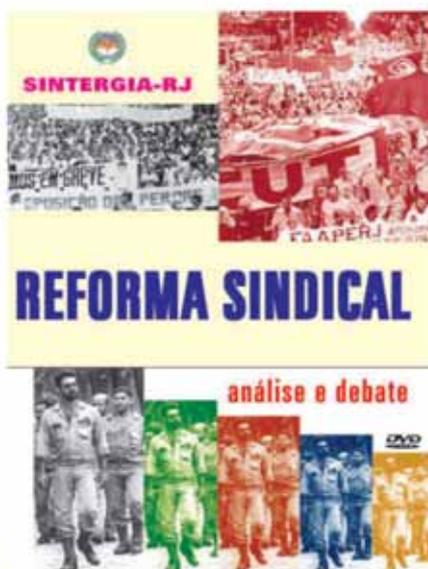
Lançamento no dia 15/07

HAITI

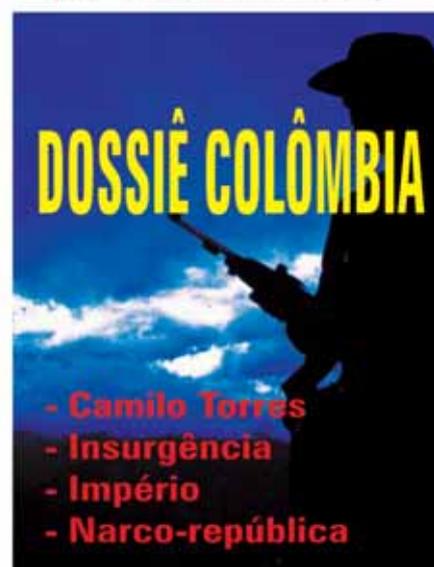
Lançamento no dia 30/08

1996/2006: DEZ ANOS DE LUTA

Lançamento no dia 30/09



80 minutos



110 minutos



100 e 120 minutos



110 minutos

A mídia partidária e a democratização dos meios de comunicação

Você é daquele que acredita em mídia "independente"? Em "imparcialidade" da imprensa? Em informação "isenta"? Desculpe, caro leitor, mas, malgrado sua idade, ainda que você tenha 40, 50, ou 80 anos, devemos dizer que o amigo chegou a esta idade acreditando em coelhinho da páscoa, papai noel, e boitatá.

Até a década de 50, as pessoas sabiam que todos os jornais eram partidários de alguma idéia, ainda que não pertencessem a determinado partido político. Houve jornais republicanos, monarquistas, abolicionistas, socialistas, comunistas, fascistas. Com o desenvolvimento do capitalismo, passou-se a idéia de que a mídia havia se profissionalizado e criado uma "imprensa livre", para gerar uma opinião pública manipulada.

Hoje, com certeza, 85% das pessoas acreditam nestes mitos. Uma mentira dita milhares de vezes se torna uma verdade e os leitores passaram a acreditar na "imparcialidade da imprensa" e na "neutralidade da informação". Assim foi possível consolidar certas verdades absolutas como: "funcionário público é o mal do país, um bando de vagabundos" ou, "a privatização é uma necessidade para o avanço do país" ou, "a culpa do crescimento da violência no Rio de Janeiro foi do Brizola", ou "só diminuindo os direitos dos trabalhadores é possível tornar um país competitivo", ou ainda "a defesa dos interesses nacionais é algo atrasado". Era necessário se fazer acreditar que havia jornalistas "independentes", para que essas mentiras ganhassem ares de verdades definitivas.

Antes como agora, os jornais são veícu-

los de manipulação de informação e, desde a escolha da notícia, à maneira como ela é veiculada, tudo é feito para iludir o leitor e criar a idéia de uma "verdade universal"... Universal de quem? Do dono dos jornais e dos patrocinadores.

Então, sempre tente ver o que há por trás das notícias, que interesses manipulam a informação.

O suicídio de Vargas, por exemplo, foi precedido de uma campanha de difamação, dos setores anti nacionalistas que não se conformavam com a Petrobras, os mesmos que derrubaram João Goulart. Durante a ditadura militar, a revista *Veja, as Organizações Globo, a Folha, o Estadão, o JB, a Isto É* prestaram serviços relevantes ao entreguismo, como apoiar o "milagre brasileiro" e só se converteram à campanha das Diretas Já quando a ditadura estava no fim.

Que interesses há por trás de campanhas sórdidas contra governos defensores de seus povos, como Chávez e Evo Morales? Que grupos seriam beneficiados? A campanha pelo impeachment de Lula? Quem ganharia? Foi o governo de FHC menos corrupto? Houve a mesma intensidade no ataque a escândalos como as privatizações ou o Proer?

A imprensa livre quando os jornalões são grandes empresas capitalistas patrocinados por multinacionais e a TV é monopolizada por cinco ou seis famílias?

Duvide, questione. Jornais não são informação livre, são veículos de opinião e (de)formação. Somente com uma visão mais profunda de a quem serve a informação se pode filtrar o que se encontra por trás da notícia ■

SISEJUFE

Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE: Avenida Presidente Vargas, 509/11º andar - Centro - Rio de Janeiro-RJ
CEP 20071-003

TEL./FAX: (21) 2232-1004

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silveira da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Penélope Diniz Bittencourt Nepomuceno, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Mário Augusto Jakobskind (Mtb 15.150)

REDAÇÃO e REVISÃO:
Max Leone (Mtb 18.091)

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:
Claudio Camillo (Mtb 20.478)

ILUSTRAÇÃO:
Latuff

IMPRESSÃO:
PALAVRAS PINTADAS Editora e Gráfica Ltda
(7.000 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Plano de Cargos e Salários	2	Carajás – 10 anos de impunidade	18
Jornada de 6 horas	6	Greenpeace protesta contra entrada de soja na Europa	19
A alma dos sonhos	7	O impedimento de Lula	20
Sobre as origens da Capoeira	8	Direita mostra as suas garras	21
Só de sacanagem	9	V Encontro de luta contra a Alca	22
III Encontro de Comunicação	10	Bolívia entra numa nova etapa	23
Na Mira das Minas	12	Quem tem medo da reforma agrária?	24
Software Livre	14		
Nossa História	16		
Festival Internacional de Cinema Feminino	17		

É a vitória da greve, do piquete,

Orientação e estratégia da FENAJUFE, em termos nacionais, e do SISEJUFE, no Rio de Janeiro, levam à aprovação do PCS

Foi uma luta, uma batalha, que, por conta da garra, da determinação e de uma estratégia de negociação inteligente e equilibrada, a categoria do Judiciário, liderada pela FENAJUFE e seus sindicatos, o SISEJUFE aqui no Rio, saiu vitoriosa. Pouca gente sabe, mas o PCS correu riscos e sérios de não ser aprovado pela Comissão de Finanças e Tributação (CFT), no dia 17 de maio. Enquanto a categoria fazia greve em todo o país para garantir a força de negociação de nossos representantes, nos bastidores trava-se uma verdadeira guerra pela aprovação do plano.

O resultado da sessão da comissão representa mais uma vitória da campa-

“O funcionalismo tem que comemorar, mas com a certeza de que a luta ainda não acabou”

inha nacional da categoria. Por ampla maioria, os deputados da CFT votaram a favor do projeto e reafirmaram a importância desta conquista para os servidores do Judiciário Federal. O funcionalismo tem que comemorar, mas com a certeza de que a luta ainda não acabou. Agora é preciso garantir o fechamento das negociações para a implementação da primeira parcela do PCS ainda este ano. Para que isso ocorra é preciso manter a mobilização e não esmorecer.

O texto do PCS foi aprovado com alterações. O novo documento passou por mudanças significativas antes de ir à votação, com dois grandes avanços e pelo menos um retrocesso. As principais modificações são: a GAJ, a GAE e a GAS não serão mais parceladas, só o vencimento básico (avanço em relação ao primeiro texto); os oficiais de justiça optarão pela GAE ou pela FC5, o que for maior, até a integralização do projeto (outro avanço); e o projeto não será necessariamente pago em junho de 2006, janeiro de 2007, janeiro de 2008, mas em três exercícios, com o primeiro pagamento no mês da aprovação (retrocesso em relação ao primeiro relatório) ■



da mobilização da categoria

Na véspera da votação, dia 16 de maio, a FENAJUFE se reuniu com a presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministra Ellen Gracie, e teve dela o apoio para se manter na luta pelo projeto, inclusive com a promessa do abono dos dias parados na greve. A ministra detalhou que o governo havia garantido R\$ 500 milhões (informação não oficial e não confirmada pelo Executivo) para a implementação imediata do projeto. Segundo ela, o Executivo havia pedido ao Judiciário que o restante do plano fosse patrocinado por verba do próprio Judiciário este ano, o que não foi aceito pela ministra.

Na reunião com o Executivo, representantes da casa civil, o governo endureceu a negociação e pediu o adiamento da votação, ameaçando, inclusive, tirar o projeto de pauta, para que, em dez dias, fosse apresentada uma nova proposta. A federação não aceitou o pedido e manteve a disposição

de lutar no dia seguinte, 17 de maio, para a aprovação do projeto.

Num encontro com os diretores da FENAJUFE, o relator do projeto, deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA), disse ter recebido um pedido do governo para retirar o projeto de pauta e, além de um telefonema da ministra Ellen Gracie para a manutenção do projeto na pauta. A estratégia da categoria, então, foi bancar a votação na CFT, até para que os canais de negociação com o Executivo, para a implementação do restante da verba, fossem abertos. A estratégia se mostrou vencedora devido à força da categoria, que em todo o Brasil estava em greve. A mobilização serviu para pressionar os deputados a votar favoravelmente ao projeto. E foi o que aconteceu.

Com isto o canal de negociação foi ampliado. No mesmo dia da votação na CFT, houve um encontro com o vice-presidente da República, José Alencar,

que colocou-se à disposição para facilitar uma rápida negociação da verba que falta para implementação imediata do projeto. Esta reunião demonstrou a força e o prestígio de nosso movimento e indicou que agora a Federação tem condições de negociar diretamente o projeto. Posteriormente, em audiência com diretores da FENAJUFE, Alencar manifestou-se favorável à revisão do PCS.

Diante do quadro, o Comando Nacional de Greve decidiu suspender temporariamente a greve, esperando o prazo de 10 dias dado pelo governo para a elaboração de uma proposta de implementação. Mas se dentro deste prazo o governo não apresentar uma proposta satisfatória, a categoria voltará à greve. Permanecemos, todavia, mobilizados e em estado de greve para a qualquer momento retomarmos a carga pela aprovação de nosso projeto ■



Servidores mostram determinação na luta pelo PCS

A luta pela aprovação do Plano de Cargos e Salários (PCS) vem demonstrando que só é possível alcançarmos nossos objetivos com muita união e mobilização. Os servidores do Judiciário Federal do Rio de Janeiro e de todo o país são exemplo de dedicação e participação no movimento nacional pela aprovação do PL 5.845/05, que reestrutura o PCS da categoria.

As discussões nos locais de trabalho, as paralisações de 24 horas e 48 horas feitas ao longo dos meses de abril e de maio, a passeata que levou cerca de 400 servidores às ruas do Centro, da Candelária a Cinelândia, no dia 27 de abril, deram grande resultado. Indicaram ao governo federal toda a insatisfação e a disposição de luta da categoria, até o momento, para conseguir aprovar o projeto do PCS.

A greve de 48 horas, nos dias 2 e 3 de maio no Rio, mais a pressão dos servidores na Câmara dos Deputados tiveram como resultado o agendamento do projeto na pauta da Comissão de Finanças e Tributação (CFT). O SISEJUFE-RJ teve papel de destaque nessa pressão, ao ter o encontro com o presidente da CFT, deputado Moreira Franco, que na



Mariana (TRF), Ponciano (SISEJUFE-RJ), Moisés (TRE), Vera Lúcia (Fenajufe) e Francisco de Souza (Núcleo de Aposentados) com o deputado Moreira Franco em Brasília.

ocasião se comprometeu com o sindicato a colocar o projeto na pauta. Ao final do movimento no dia 3, a categoria avaliou que era necessário continuar mobilizada realizando paralisações nos locais de trabalho. No dia 5, o parecer favorável ao PL 5.845 é publicado na página da Câmara. O ponto alto da nossa disposição pôde ser visto no dia 9 de maio, quando uma nova passeata lotou a Avenida Rio Branco. Além de

mais de 600 pessoas terem participado da caminhada, pelo menos oito cartórios do Centro ficaram fechados e com os funcionários aderindo à passeata.

Em todo o Brasil, os servidores do Judiciário Federal mostraram seriedade no encaminhamento da luta para conquistar o PCS. Eles seguiram a orientação da FENAJUFE de manter a mobilização sempre que preciso ■

Adiamento da votação não enfraqueceu movimento nacional

Mesmo com o adiamento da votação do projeto do nosso PCS, que saiu da pauta do dia 10 de maio da Comissão de Finanças e Tributação (CFT) da Câmara, os servidores da Justiça Federal no Rio não esmoreceram. A categoria continuou mobilizada e manteve a greve para pressionar os deputados a aprovarem o plano.

A força da nossa luta foi mantida depois da suspensão da votação. No

dia 12 de maio, por exemplo, o fórum da Justiça Federal da Avenida Venezuela fez um mutirão, passando em todos os cartórios, para reiniciar a greve no dia 15. Já na JF Rio Branco, mais de 60 servidores participaram de uma assembléia ao final da paralisação de duas horas comandada pelo nosso sindicato. Vários cartórios ficaram com balcão fechado. A decisão da assembléia foi taxativa: manter o

indicativo de paralisação antes da votação na CFT.

Foi uma verdadeira lição de mobilização dos servidores do Rio. Liderados pela direção do SISEJUFE-RJ, todos os fóruns da capital participaram da greve de alguma maneira, seja com greve, seja com paralisação, seja com mutirão, seja com assembléias. Todos enviaram servidores à passeata ■

TABELA DE ESCALONAMENTO DO PCS

	C/P	V+GAJ(30%) nov/2005	1º Parc.	Perc. %	V+GAJ(50%) */2006	2º Parc.	Perc. %	V+GAJ(50%) jan/2007	3º Parc.	Perc. %	V+GAJ(50%) jan/2008	Dif. Total	Perc. Total
	C15	6.512,06	1.878,52	28,85	8.390,58	876,66	10,45	9.267,24	1.168,88	12,61	10.436,12	3.924,05	60,26
	C14	6.293,16	1.829,42	29,07	8.122,58	861,26	10,60	8.983,83	1.148,33	12,78	10.132,16	3.839,00	61,00
	C13	6.081,60	1.781,57	29,29	7.863,17	845,96	10,76	8.709,12	1.127,93	12,95	9.837,05	3.755,45	61,75
A	C12	5.877,13	1.734,93	29,52	7.612,07	830,78	10,91	8.442,84	1.107,69	13,12	9.550,53	3.673,40	62,50
N	C11	5.679,56	1.689,48	29,75	7.369,04	815,72	11,07	8.184,75	1.087,61	13,29	9.272,36	3.592,80	63,26
A	B10	5.488,64	1.576,20	28,72	7.064,84	731,77	10,36	7.796,61	975,72	12,51	8.772,33	3.283,69	59,83
L	B9	5.304,10	1.535,03	28,94	6.839,13	719,01	10,51	7.558,14	958,68	12,68	8.516,82	3.212,72	60,57
I	B8	5.125,80	1.494,90	29,16	6.620,70	706,31	10,67	7.327,01	941,76	12,85	8.268,77	3.142,97	61,32
S	B7	4.953,48	1.455,78	29,39	6.409,26	693,72	10,82	7.102,98	924,95	13,02	8.027,93	3.074,44	62,07
T	B6	4.786,95	1.417,66	29,62	6.204,62	681,21	10,98	6.885,83	908,28	13,19	7.794,11	3.007,15	62,82
A	A5	4.626,01	1.322,52	28,59	5.948,54	610,83	10,27	6.559,37	814,43	12,42	7.373,79	2.747,78	59,40
	A4	4.470,51	1.288,00	28,81	5.758,50	600,23	10,42	6.358,73	800,30	12,59	7.159,02	2.688,52	60,14
	A3	4.320,21	1.254,34	29,03	5.574,56	589,70	10,58	6.164,25	786,26	12,76	6.950,51	2.630,29	60,88
	A2	4.174,98	1.221,54	29,26	5.396,52	579,23	10,73	5.975,75	772,32	12,92	6.748,07	2.573,09	61,63
	A1	4.034,63	1.189,57	29,48	5.224,20	568,85	10,89	5.793,05	758,48	13,09	6.551,52	2.516,89	62,38
	C15	3.898,97	1.158,41	29,71	5.057,39	558,56	11,04	5.615,94	744,77	13,26	6.360,71	2.461,73	63,14
	C14	3.767,91	1.128,03	29,94	4.895,94	548,36	11,20	5.444,30	731,15	13,43	6.175,44	2.407,53	63,90
	C13	3.641,25	1.098,44	30,17	4.739,69	538,23	11,36	5.277,92	717,66	13,60	5.995,58	2.354,33	64,66
	C12	3.518,83	1.069,58	30,40	4.588,41	528,23	11,51	5.116,64	704,31	13,77	5.820,95	2.302,12	65,42
T	C11	3.400,54	1.041,47	30,63	4.442,01	518,31	11,67	4.960,32	691,08	13,93	5.651,40	2.250,86	66,19
É	B10	3.286,22	972,03	29,58	4.258,25	466,46	10,95	4.724,70	621,94	13,16	5.346,65	2.060,43	62,70
C	B9	3.175,73	946,55	29,81	4.122,29	457,98	11,11	4.580,27	610,65	13,33	5.190,92	2.015,18	63,46
N	B8	3.068,99	921,73	30,03	3.990,72	449,57	11,27	4.440,29	599,45	13,50	5.039,73	1.970,74	64,21
I	B7	2.965,81	897,53	30,26	3.863,34	441,26	11,42	4.304,60	588,35	13,67	4.892,94	1.927,13	64,98
C	B6	2.866,10	873,96	30,49	3.740,06	433,01	11,58	4.173,06	577,37	13,84	4.750,43	1.884,33	65,75
O	A5	2.769,75	815,64	29,45	3.585,39	389,51	10,86	3.974,90	519,36	13,07	4.494,26	1.724,50	62,26
	A4	2.676,64	794,26	29,67	3.470,90	382,49	11,02	3.853,38	509,97	13,23	4.363,35	1.686,72	63,02
	A3	2.586,65	773,44	29,90	3.360,09	375,51	11,18	3.735,60	500,66	13,40	4.236,26	1.649,61	63,77
	A2	2.499,69	753,15	30,13	3.252,84	368,60	11,33	3.621,44	491,45	13,57	4.112,88	1.613,19	64,54
	A1	2.415,66	733,38	30,36	3.149,04	361,73	11,49	3.510,77	482,33	13,74	3.993,09	1.577,43	65,30
	C15	2.334,45	681,18	29,18	3.015,63	322,05	10,68	3.337,68	429,38	12,86	3.767,06	1.432,61	61,37
	C14	2.255,97	647,61	28,71	2.903,58	300,54	10,35	3.204,12	400,73	12,51	3.604,85	1.348,88	59,79
	C13	2.180,13	615,63	28,24	2.795,76	280,22	10,02	3.075,98	373,64	12,15	3.449,61	1.269,48	58,23
	C12	2.106,83	585,16	27,77	2.691,99	261,03	9,70	2.953,02	348,05	11,79	3.301,07	1.194,23	56,68
A	C11	2.036,01	556,13	27,31	2.592,14	242,91	9,37	2.835,05	323,87	11,42	3.158,91	1.122,90	55,15
U	B10	1.967,55	518,19	26,34	2.485,74	215,49	8,67	2.701,23	287,33	10,64	2.988,56	1.021,01	51,89
X	B9	1.901,42	492,30	25,89	2.393,72	199,79	8,35	2.593,50	266,37	10,27	2.859,87	958,45	50,41
I	B8	1.837,50	467,66	25,45	2.305,16	184,95	8,02	2.490,11	246,62	9,90	2.736,72	899,22	48,94
L	B7	1.775,71	444,17	25,01	2.219,88	171,00	7,70	2.390,88	227,99	9,54	2.618,87	843,16	47,48
I	B6	1.716,03	421,82	24,58	2.137,85	157,83	7,38	2.295,68	210,42	9,17	2.506,10	790,07	46,04
A	A5	1.658,33	392,38	23,66	2.050,71	137,25	6,69	2.187,96	182,99	8,36	2.370,95	712,61	42,97
R	A4	1.602,59	372,46	23,24	1.975,05	125,91	6,38	2.100,96	167,90	7,99	2.268,86	666,27	41,57
	A3	1.548,70	353,52	22,83	1.902,23	115,25	6,06	2.017,47	153,68	7,62	2.171,15	622,44	40,19
	A2	1.496,64	335,48	22,42	1.832,12	105,24	5,74	1.937,36	140,30	7,24	2.077,65	581,01	38,82
	A1	1.446,34	220,37	15,24	1.666,71	137,78	8,27	1.804,49	183,71	10,18	1.988,19	541,85	37,46



Reduzir a Jornada para Prolongar a Vida

Roberto Ponciano*

A vida deveria ser duas, uma para ser ensaiada, outra para ser vivida. Esta frase escrita em um muro é maravilhosa, mas, infelizmente não é real. A vida é apenas uma. Há uma maldição no gênesis: "Ganharás tua vida com o suor do teu rosto". E parece que a humanidade levou a sério o texto, e não se empenha em transformar a terra no Éden, num lugar ideal para se viver. Karl Marx, em um de seus trabalhos mais brilhantes, dizia que a sociedade chama de trabalho apenas uma parcela ínfima da vida humana. Reduz assim a possibilidade do homem viver e se realizar. Desde pequenos somos educados para sermos máquinas responsáveis e autômatas que dão respostas eficazes quando acionados para trabalharmos.

Por isso, que o melhor trabalhador é o que menos contesta. No item eficiência sempre está pressuposto que o trabalhador mais capaz é o que seja menos humano, que não responde às ordens absurdas, que produz sem reclamar, por mais monótono que seja o serviço, que não atrapalhe o sagrado altar da produção.

Chaplin em seu maravilhoso "Tempos Modernos" retrata o trabalhador civilizado quase como um robô. O

mesmo magnífico pensador cunhou a frase: "Não sois máquinas, homens é o que sois". Em nome da eficiência máxima e do lucro total, 50 milhões de pessoas morreram na 2ª Grande Guerra, onde eficientes máquinas modernas de matar mostraram a que ponto pode se chegar o descalabro humano de trabalhar sem pensar. Por mais que se esqueça, o trabalhador é, antes de tudo, um ser humano. Com anseios, tristezas, privações, alegrias e com uma perspectiva de vida pequena e única. É necessário e lógico gastar oito horas do dia dentro de um ambiente de trabalho fechado, com o grau de produtividade a que chegou a sociedade capitalista? E a resposta, vista de qualquer ângulo é sempre: não.

Por mais que haja trabalhadores doentes e neuróticos capazes de até querer que a jornada seja aumentada para 10, 12 ou 14 horas (pessoas infelizmente vazias, solitárias, sem vida própria e sem alegria), a grande verdade é que a produtividade atual do trabalho nos indica uma jornada máxima de seis horas diárias. Em seis horas de trabalho é possível produzir em qualquer ramo que seja, o mesmo que em oito horas e com muito mais eficiência.

Assim, os acidentes de trabalho, as

lesões por esforço repetitivo diminuem, como também se reduz a necessidade de descanso durante o expediente. Sem contar que aumenta o poder de concentração no trabalho.

A diminuição da jornada nos dará mais horas de luz do sol, mais horas com a família, de lazer e de estudo e, até para os neuróticos por trabalho, mais horas para eles trabalharem em outro serviço e se esquecerem da vida fria e vazia que levam.

Diminuição da jornada de trabalho para seis horas por dia sem redução de salário. Um direito pelo qual vale à pena lutar. E é bom lembrar que ao lutarmos por esta emancipação de parte de nossa vida do jugo do trabalho compulsivo, estamos lutando também pelos nossos companheiros desempregados, a diminuição da jornada de trabalho obriga as empresas a contratarem mais funcionários para cobrir seu expediente (principalmente as fábricas e as prestadoras de serviço). Ajuda também a diminuir o impacto do desemprego que assola nosso país.

Não ao prolongamento inútil e desumano das horas de trabalho, pela jornada humanista de seis horas diárias!

(*)Diretor do SISEJUFE/RJ

A alma dos sonhos

Márcio de Souza Marques (*)

Para ser feliz é preciso, dentre outras coisas, possuir sonhos no coração.

O Universo nos dá oportunidade de sermos felizes. A felicidade para ser desfrutada em sua plenitude deve ser compartilhada com nossos semelhantes. O sonho é parte da alma, que, essência da existência, assim como uma criança, carece de educação, vigilância e cuidados específicos, necessitando de bons sentimentos para proporcionar a paz como recompensa.

Se a amargura, o rancor, o pessimismo, a raiva ou qualquer outro sentimento desprezível nos apossar, o corpo responderá sob forma de dores e doenças.

Entretanto, se faz necessário diferenciar o corpo do espírito. Enquanto o primeiro pede apenas alimento material para crescer, locomover-se e evoluir, o segundo se nutre dos valores morais. Neste contexto é preciso apartar o corpo do espírito, compreendendo que o sonho é a parte nobre da alma, alimento do espírito. As atitudes impensadas da mente criam idéias doentias que invalidam a defesa do espírito, cedendo espaço para a manifestação do estresse e da frustração. O espírito, saudavelmente nutrido, gera poderes capazes de criar paz, prazer e equilíbrio para o corpo todos os dias.

Nossas vidas são compostas de pequenas vitórias diárias. Se aprendermos comemorá-las diariamente, com certeza dominaremos as pequenas derrotas que as rondam.

Por esta razão não se pode perder a crença nos sonhos, que, como sabemos, alimentam nossa esperança e concretizam nossos ideais. Hoje em dia, profissionalmente falando, temos que criar e recriar, e, neste contexto abstrato, a imaginação é o sonho lógico. Nossa organização social só valoriza as coisas que provocam impacto, reconhecidas pela mídia, e, conseqüentemente, aceitas pelas pessoas. Isto reflete a sensível carência de auto-estima de toda a humanidade, que, pensando estar se autoafirmando perante a sociedade, vai perdendo a essência da própria alma.

Poucos são os que percebem a sua própria despersonalização resultante do inconsciente coletivo do consumismo. Neste contexto a realidade brutal da sobrevivência, como uma lufada, varre nossos sonhos restando apenas a lucidez lógica.

É preciso construir a sua própria história não permitindo seduzir-se pela trajetória de outros. Crie a sua própria trilha. Assim como as pesso-

as extraordinárias, incomuns e apaixonadas pelo que fazem, faça com que seus problemas não interfiram no seu objetivo primordial do prazer. Faça como os campeões que lutam por metas. Sua concentração, assim como as metas dos campeões, é o fruto materializado do sonho que lhe remete ao júbilo da realização dos seus objetivos.

Nossas emoções estão sempre nos colocando em situações, que, muitas vezes, confundem nossas tomadas de decisões. Talvez por isso, devemos encarar nosso trabalho com prazer, não o separando da diversão, pois estaremos nos divertindo enquanto labutamos. Somente a mente emocionalmente estabilizada é capaz de conciliar com serenidade tal comportamento. E ela, a mente, com certeza estará envolta em sonhos e desejos profundos de amor.

Não perca seus sonhos!

(*)Diretor do SISEJUFE/RJ

Sobre as origens da Capoeira

Roberta Nistra*

Não sabemos ao certo a origem da Capoeira. Alguns pesquisadores acreditam que tenha vindo da África. Outros, entre os quais me incluo, afirmam ter sido criada no Brasil pelos escravos na sua luta pela liberdade. Estudos científicos, como o clínico "Capoeira Angola – Ensaio – Etnográfico" (Rego, 1968), procuram comprovar que ela é brasileira. Até porque nem um pesquisador conseguiu encontrar nada de concreto que levasse a crer que a Capoeira fosse africana.

O que se sabe é que na África existia "O Jogo de Zebra", ou N'Golo. Uma dança que era praticada com bastante violência. Esse jogo fazia parte de um ritual de passagem da infância para a vida adulta onde os negros lutavam em um pequeno recinto e os vencedores poderiam desposar as meninas da tribo, que ficavam "mocinhas", sem o pagamento dos dotes tradicionais.

Alguns historiadores alegam que o

grande motivo pelo qual não conseguimos provas documentais para resolver a polêmica se a Capoeira é africana ou brasileira, é o fato de Rui Barbosa, então ministro da Fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, ter mandado queimar todos os documentos com relação à escravidão no Brasil. Ato que praticou dizendo ser necessário para apagar da memória da nação o fato ter sido anos antes, escravocrata. No entanto, sabemos haver outras razões. Dentre elas, evitar o pagamento de indenizações aos senhores de engenho e aos escravos libertos.

Os negros vindos para o Brasil eram de todas as partes da África. Principalmen-

"A Capoeira no meio das matas era praticada como luta mortal. Já nas fazendas, virava brinquedo inofensivo, pois ela estava sendo feita sob os olhares dos senhores de engenho"

te de Angola, onde os negros Bantos, diziam-se mais fortes e, por isto teriam mais aproveitamento no trabalho. Esses negros deram origem à Capoeira, de nome Capoeira de Angola.

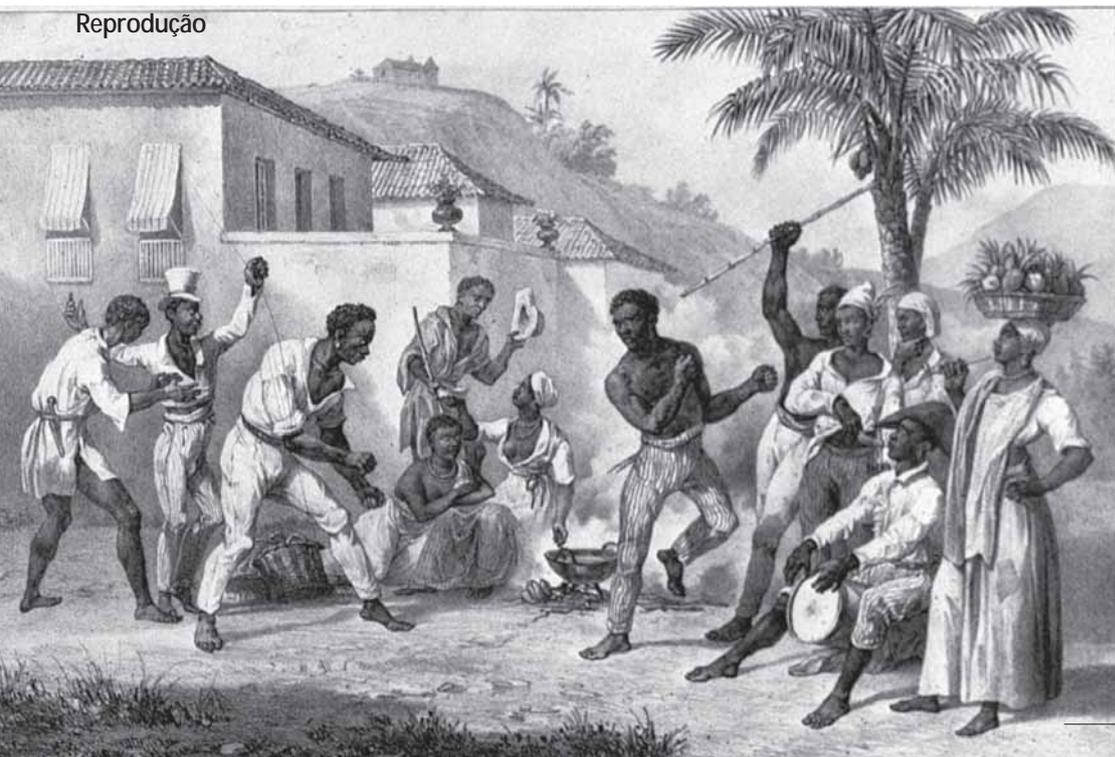
A Capoeira é, portanto, uma luta disfarçada em dança que foi criada na era colonial do Brasil por volta do século XVII. Essa luta foi desenvolvida pelos escravos para se safarem, quando fugiam, das capturas violentas e cruéis dos chamados capitães do mato.

O nome "CAPOEIRA" deu-se em função do seguinte: os escravos ao fugirem para as matas, tinham em seus encalços esses famigerados capitães do mato, enviados pelos senhores; os escravos em fuga reagiam e os atacavam, nas clareiras de mato ralo, cujo nome é capoeira, com pés, mãos e cabeça, dando-lhes surras ou até mesmo matando-os. Os que sobreviviam voltavam para os seus patrões indignados. Estes perguntavam: "Cadê os negros?" e a resposta era: "Eles nos pegaram na capoeira". Referindo-se ao local onde foram vencidos.

A Capoeira no meio das matas era praticada como luta mortal. Já nas fazendas, virava brinquedo inofensivo, pois ela estava sendo feita sob os olhares dos senhores de engenho. Naquele momento se transformou em dança. Para disfarçarem a luta utilizavam a ginga, a base de qualquer "capoeirista"; e é nela que saem todos os golpes. Esse disfarce foi fundamental para a sobrevivência dos escravos, pois a Capoeira é principalmente, na sua origem, uma luta de resistência.

O nome Capoeira de Angola surgiu quando os senhores flagravam os negros jogando e perguntavam: "O que estão fazendo?". Os negros estão brincando de Angola, respondiam ■

Reprodução



(*) Grupo Batifundo

Só de sacanagem

Elisa Lucinda*

Reprodução

Meu coração está aos pulos! Quantas vezes minha esperança será posta à prova? Por quantas provas terá ela que passar?

Tudo isso que está aí no ar, malas, cuecas que voam entupidas de dinheiro, do meu dinheiro, que reservo duramente pra educar os meninos mais pobres que eu, para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus pais, esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade e eu não posso mais.

Quantas vezes, meu amigo, meu rapaz, minha confiança vai ser posta à prova? Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais?

É certo que tempos difíceis existem pra aperfeiçoar o aprendiz, mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros, venha quebrar no nosso nariz.

Meu coração está no escuro, a luz é simples, regada ao conselho simples de meu pai, minha mãe, minha avó e os justos que os precederam: "Não roubarás", "Devolva o lápis do colega", "Esse apontador não é seu, minha filhinha".

Ao invés disso, tanta coisa nojenta e torpe tenho tido que escutar. Até *habeas corpus* preventivo, coisa da qual nunca tinha visto falar e sobre o qual minha pobre lógica ainda insiste: esse é o tipo de benefício que só ao culpado interessará.

Pois bem, se mexeram comigo, com a velha e fiel fé do meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear: mais honesta ainda vou ficar. Só de sacanagem!

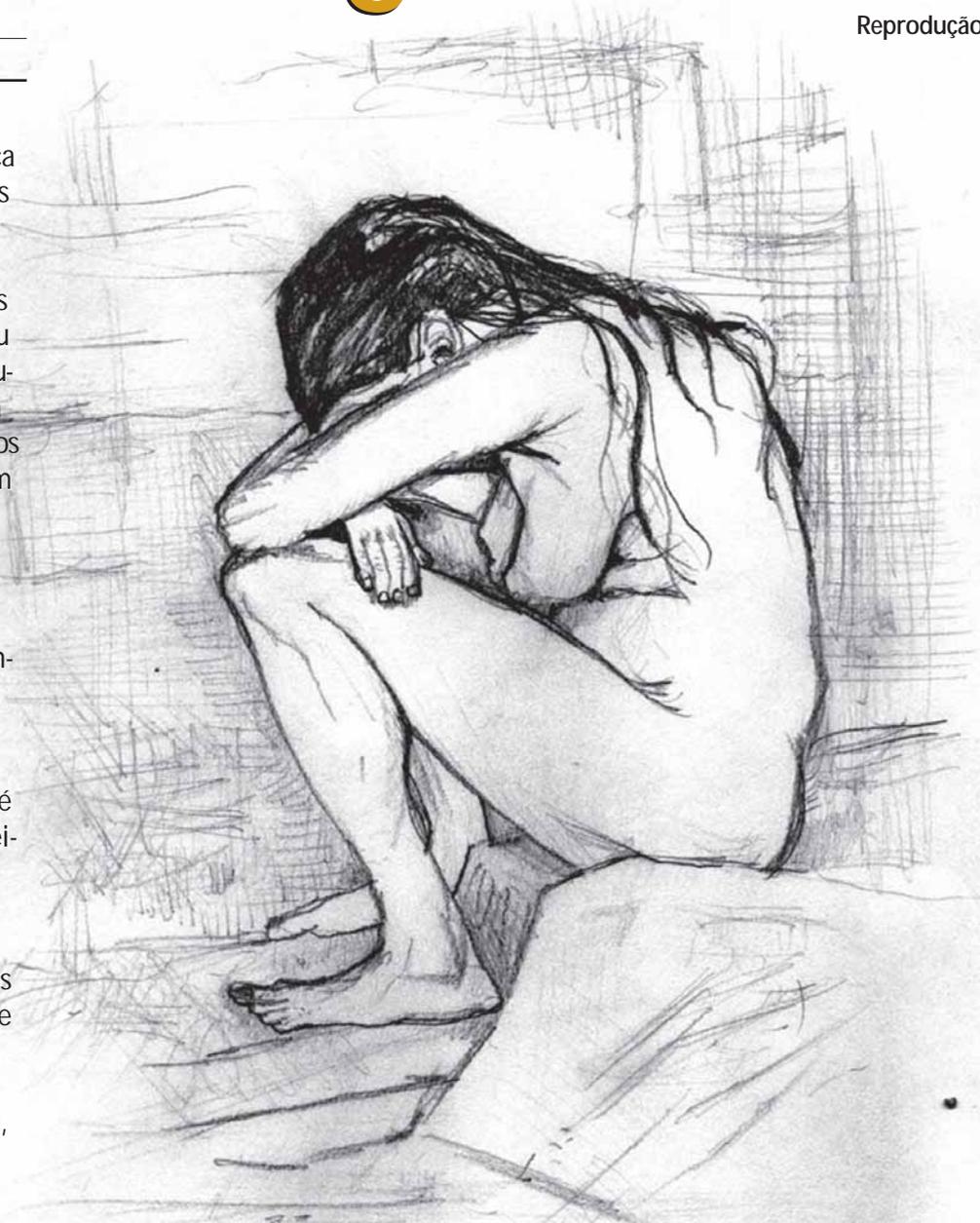
Dirão: "Deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo o mundo rouba" e eu vou dizer: Não importa, será esse o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez. Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos, vamos pagar limpo a quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês.

Como o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau. Dirão: "É inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde o pri-

meiro homem que veio de Portugal". Eu direi: Não admito, minha esperança é imortal. Eu repito, ouviram? IMORTAL!

Sei que não dá pra mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dá pra mudar o final!

(*) Escritora e atriz. Autora do monólogo "Parem de falar mal da rotina" www.escolalucinda.com.br.



III Encontro de Comuni

SISEJUFE-RJ presente

Representantes de 16 sindicatos de todo o país, inclusive o SISEJUFE-RJ, participaram, em Belo Horizonte, nos dias 7 e 8 de abril, do III Encontro de Comunicação da Fenajufe, no qual foram debatidos temas como linguagem sindical, internet, campanha de filiação, software livre e a democratização da comunicação.

Luiz Carlos Bernardes, o Peninha, ex-presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) abriu o encontro com o tema "Comunicação, Imagem e Linguagem", alertando para o "tiro cirúrgico" da mídia conservadora, que "preserva os amigos e anunciantes e atira no movimento social". Segundo Peninha, o maior exemplo dessa prática deformada pode ser encontrada na revista "Veja".

Peninha lembrou o papel desempenhado pela mídia conservadora no movimento que derrubou o presidente constitucional João Goulart.

Ele destacou a importância da imprensa sindical na luta pela democratização da comunicação e propôs a criação de uma revista semanal para concorrer com a *Veja* e *Isto É*. Ele mostrou-se otimista com o fato de a sociedade brasileira hoje voltar a discutir a democratização da mídia.

Concurso Nacional de Literatura

Carlos Antônio Ferreira e Jacqueline Albuquerque, coordenadores de Comunicação da FENAJUFE anunciaram a proposta da realização do I Concurso Nacional Literário, como forma de incentivar a criação literária entre os servidores da base da federação. O concurso premiará obras inéditas em prosa e poesia.

Os diretores da entidade disseram que qualquer filiado a um dos sindicatos da Federação poderá participar do concurso, que serviria



Representantes de 16 sindicatos de todo o país participaram ativamente dos debates no III Encontro de Comunicação.



Ponciano explica a reformulação da

como incentivo à sindicalização.

O diretor do SISEJUFE-RJ Roberto Ponciano sugeriu que os premiados sejam contemplados com a edição dos seus trabalhos literários, em lugar de prêmio em dinheiro.

A FENAJUFE anunciará em breve o regulamento do Concurso.

Telesul

Mário Augusto Jakobskind, jornalista do SISEJUFE-RJ fez um relato sobre as atividades da Telesul: a TV interestatal – Venezuela, Argentina, Uruguai e Cuba(*) – com sede em Caracas, e que tem como objetivo informar, sem a intermediação dos países industrializados, e colaborar com a integração latino-americana.

Ele lembrou que profissionais de imprensa da América Latina

sempre tiveram como meta a possibilidade da criação de canais alternativos à grande mídia conservadora, e que no início dos anos 50 estavam em gestação o surgimento de uma agência de notícia latino-americana.

Explicou que a Telesul foi a forma encontrada para se enfrentar o pensamento único, tão em voga nos meios de comunicação no continente latino-americano e romper o cerco midiático do império do Norte, através dos canais comunitários e do setor público.

O SISEJUFE-RJ apresentou uma moção, aprovada por unanimidade, exortando os sindicatos filiados à FENAJUFE que não poupassem esforços no sentido de que instalem antenas para captar a imagem da TELESUL.

cação da FENAJUFE



Imprensa do SISEJUFE-RJ e campanha sindicalização.

Software livre

Outro tema debatido no encontro foi o do "Software livre", com a apresentação da experiência bem sucedida, realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário de Minas Gerais (SITRAEMG) para a implantação de LINUX nos computadores da entidade. Carlos Antonio Ferreira, presidente do SITRAEMG, disse que "a liberdade pressupõe a possibilidade de se fazer escolhas, e uma pessoa é verdadeiramente livre na medida em que ela percebe e age como se suas escolhas e atitudes fossem determinantes para a realização de um ideal coletivo".

Observou ainda que "a liberdade de utilizar um programa significa a liberdade para qualquer tipo de pessoa física ou jurídica utilizar o sof-

tware em qualquer tipo de sistema computacional, para qualquer tipo de trabalho ou atividade, sem que seja necessário comunicar ou pagar a quem desenvolve (o software). O que implica na possibilidade de realizar alterações e adaptações necessárias para sua implantação, com acesso ao código-fonte".

Segundo ele, "o primeiro passo para a implantação da filosofia de "software livre" diz respeito a um posicionamento profundamente político e a decisão implica em transformar em atitudes concretas uma concepção de mundo na qual se crê."

Sindicalização

Roberto Ponciano explicou a estratégia da campanha de sindicalização que a diretoria do SISEJUFE-RJ pretende colocar em prática até o final deste ano de 2006. Ele observou que o crescimento do número de Varas, a criação de mais de 200 cargos no TRE, a interiorização do Judiciário Federal, fazem com que "a campanha de sindicalização seja uma necessidade vital do nosso sindicato". O crescimento de associados na base mostra que há ainda espaço a ser conquistado junto às associações pelegas e aos indecisos para aumentar o número de sindicalizados. E que as lutas do SISEJUFE-RJ, como a do PCS, já aumentaram o número de sindicalizados.

Os representantes da FENAJUFE mostraram a necessidade de uma campanha nacional de sindicalização, que use um modelo padrão para todo o país, mas que tenha adaptações regionais, para a especificidade de cada categoria, para que se reforcem as fileiras sindicais.

Revista *Idéias*

O SISEJUFE também apresentou no encontro a reformulação de sua im-

prensa sindical, mostrando a concatenação entre a luta, a informação e o aumento do número de sindicalizados. O diretor Roberto Ponciano mostrou que a Imprensa do SISEJUFE-RJ passou por uma grande reformulação desde que companheiros da atual gestão assumiram (há cerca de dois anos) a administração do sindicato:

1. Reformulou-se e democratizou-se o jornal e se criou o caderno "Idéias".
2. Foi criada a página do sindicato.

Com a vitória na última eleição, a atual gestão ampliou a reformulação da imprensa, da seguinte maneira:

1. Criou-se um boletim eletrônico;
2. A página do sindicato, <http://sisejuferj.org.br>, foi completamente reformulada, modernizada e tem atualização diária;
3. Separou-se o suplemento *Idéias*, do jornal, criando-se uma revista de formação, que foi considerada belíssima por todos no encontro e também democrática e participativa.
4. O jornal ficou menor e mais leve.

Para finalizar, os companheiros de Minas também mostraram sua campanha de filiação, centrada nas conquistas do sindicato e nos convênios. Os companheiros de São Paulo explicaram a modernização de sua imprensa, que possui jornal semanal, e que fez grande sucesso entre os presentes.

O encontro terminou com o saldo positivo de as experiências terem sido divididas por todos, criando um amadurecimento para que sejam implementadas de forma coletiva, em cada sindicato da federação, na luta pela democratização dos meios de comunicação. ■

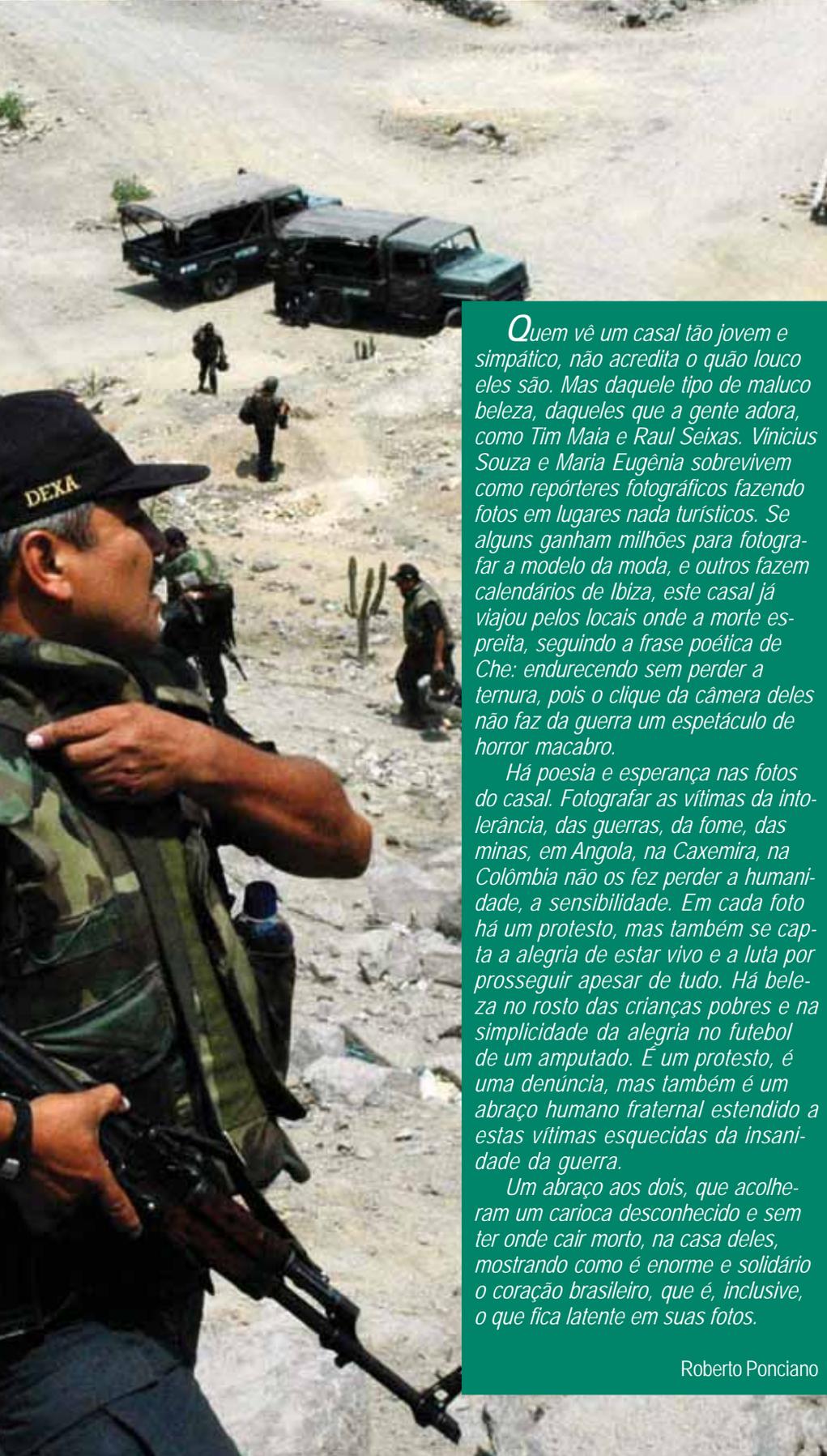
(*) A Bolívia recentemente passou a participar da Telesul

Na Mira das Minas

A Organização das Nações Unidas (ONU) acaba de estabelecer o dia 4 de abril como o Dia Internacional da Consciência sobre as Minas Terrestres. Isso aconteceu porque o problema das minas se torna cada vez maior em todo o mundo, afetando diretamente as populações de 80 países. Infelizmente, neste campo minado a América Latina não é exceção. Ao contrário! Nosso vizinho Colômbia acaba de assumir a posição de país com mais acidentes, mais minas por ano no planeta, e o terrível número de 1.060 explosões com vítimas em 2005. No Peru, uma estratégia militar para proteger torres de alta tensão de ataques do Sendero Luminoso nos anos 80 criou mais de 1.700 campos minados no país e centenas de vítimas, inclusive 80% dos próprios policiais que plantaram as minas. Chile, Argentina, Venezuela, Equador, Guatemala, El Salvador e Nicarágua também enfrentam problemas com minas em diferentes graus.

É exatamente com o objetivo de divulgar esse drama e pressionar os governos locais e mundiais a garantirem a segurança e a assistência às populações atingidas que os fotógrafos e documentaristas Vinicius Souza e Maria Eugênia Sá estão desenvolvendo desde 2005, com apoio principalmente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, o projeto Na Mira das Minas, que prevê exposições de fotos, livros, documentários em vídeo e artigos sobre a questão da minas em nosso continente. As fotos nessas páginas fazem parte do projeto e trazem vítimas colombianas e peruanas, além da nova equipe de desminagem humanitária da Polícia Nacional do Peru. Para mais informações e apoio ao projeto acesse <http://mediaquatro.sites.uol.com.br> ■





Quem vê um casal tão jovem e simpático, não acredita o quão louco eles são. Mas daquele tipo de maluco beleza, daqueles que a gente adora, como Tim Maia e Raul Seixas. Vinicius Souza e Maria Eugênia sobrevivem como repórteres fotográficos fazendo fotos em lugares nada turísticos. Se alguns ganham milhões para fotografar a modelo da moda, e outros fazem calendários de Ibiza, este casal já viajou pelos locais onde a morte espreita, seguindo a frase poética de Che: endurecendo sem perder a ternura, pois o clique da câmera deles não faz da guerra um espetáculo de horror macabro.

Há poesia e esperança nas fotos do casal. Fotografar as vítimas da intolerância, das guerras, da fome, das minas, em Angola, na Caxemira, na Colômbia não os fez perder a humanidade, a sensibilidade. Em cada foto há um protesto, mas também se capta a alegria de estar vivo e a luta por prosseguir apesar de tudo. Há beleza no rosto das crianças pobres e na simplicidade da alegria no futebol de um amputado. É um protesto, é uma denúncia, mas também é um abraço humano fraternal estendido a estas vítimas esquecidas da insanidade da guerra.

Um abraço aos dois, que acolheram um carioca desconhecido e sem ter onde cair morto, na casa deles, mostrando como é enorme e solidário o coração brasileiro, que é, inclusive, o que fica latente em suas fotos.



VII Fórum Internacional

Marcus Vinicius (*)

O 7º Fórum Internacional de Software Livre (7º FISL), realizado em Porto Alegre entre os dias 19 e 22 de abril, serviu para mostrar a força do movimento colaborativo em território nacional. Durante os quatro dias do evento foram apresentados diversos casos de sucesso e projetos em andamento, onde a filosofia do Software Livre é aplicada não só na redução de custos, mas em benefício de instituições públicas, privadas e da sociedade.

As pessoas às vezes não têm conhecimento da sua importância e da sua aplicação, mas o Software Livre já é uma realidade em nosso dia-a-dia e ficará ainda mais presente. O governo federal, na busca por uma solução para a implantação da TV Digital no Brasil, apoiou pesquisas de 75 instituições nacionais, distribuídas em 22 consórcios que tentam alternativas aos padrões existentes desse tipo de TV no mercado (o Japonês, o Europeu e o Americano). Os consórcios desenvolveram desde a tecnologia a ser usada nos aparelhos (*middleware*), os quais ficarão nas casas dos brasileiros, assim como a tecnologia de conversão, compactação, modulação dos sinais e outros aspectos de um sistema de TV digital, todos como base na utilização de Software Livre e os padrões de tecnologia abertos, isentando assim o Brasil do pagamento de *royalties* a qualquer país ou empresa.

Redução de custos

Isso ajudará a reduzir o impacto do custo da implantação do sistema na sociedade, uma vez que o gasto com a conversão das emissoras do sistema atual (analógico) para o digital será menor. Também permitirá que a indústria nacional atue na fabricação dos componentes necessários na implementação do



sistema, gerando empregos e fomentando a produção de tecnologia nacional. Durante o evento de Inauguração do 7º FISL, o ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, afirmou que o Brasil utilizará o SBTVD com sistema de modulação estrangeira.

Numa das palestras mais concorridas do encontro, o ex-presidente do Instituto Nacional de Tecnologia (ITI) Sérgio Amadeu mostrou o crescimento dos movimentos colaborativos em todo o mundo e como essa onda incomoda e até mesmo muda a postura de grandes empresas em relação ao Software Livre. Na seqüência, Javier Bustamante, professor da Unicamp, fez uma analogia com a Teoria dos Jogos, indicando como as Iniciativas de Colaboração são mais eficazes do que projetos fechados.

Projetos de Inclusão Digital

O Software Livre aplicado na área social já é uma realidade em vários pontos do Brasil. Nessa área, foram mostrados

“O Software Livre aplicado na área social já é uma realidade em vários pontos do Brasil”

Projetos de Inclusão Digital, como os Telecentros que oferecem cursos e acesso da população à internet. Os Telecentros mostrados, em sua maioria, foram projetos envolvendo empresas privadas em parceria com o poder público, para levar a informação e a cultura à população carente. Telecentros totalmente baseados em Software Livre possibilitam um projeto de alta qualidade e de baixo custo, possibilitando inclusive a criação de tecnologia local.

Na área governamental, são vários os projetos de Software Livre em andamento, que ajudam a administração pública não só a economizar, gerenciar e aplicar melhor os recursos, mas a capacitar e motivar os funcionários ■

de Software Livre

Caixa Econômica e Celepar: exemplos a serem seguidos

A equipe da Caixa Econômica Federal conseguiu economizar alguns milhões de reais ao adotar o Software Livre em várias áreas e fez os profissionais de informática estudarem e aprenderem novas tecnologias. Um dos casos apresentados foi a da troca dos programas para acesso ao Mainframe da Caixa nos milhares de terminais da instituição. Havia uma empresa fornecedora do software de emulação de terminais 3170 (IBM) que por ter já a base instalada e os usuários acostumados com seu programa, não quis negociar o preço. Então, impôs um valor e pronto!

“A Celepar e o Estado do Paraná são pioneiros na implantação de Software Público Livre, tendo como carro chefe o sistema de *groupware* Expresso, um sistema integrado de correio, agenda e catálogo de endereços”

A Caixa saiu, então, a procura de alternativas e encontrou um Software Livre que poderia ter seu código adaptado, reduzindo assim o impacto de uma troca de funcionalidades do programa e tornando transparente a mudança para os usuários. Foi feito um teste com o software em algumas das unidades e este se

mostrou muito satisfatório.

A empresa que fornecia o software inicial, quando soube da iniciativa da Caixa propôs negociar. Mas o Software Livre personalizado para o banco era superior e mantinha uma relação custo X benefício muito melhor. A direção da Caixa então economizou oito milhões de reais com implantação e, agora, utiliza o Software Livre em todas as unidades para acesso às aplicações no Mainframe da instituição.

O Caso Celepar

Outro caso interessante apresentado no 7º FISL foi o da Companhia de Informática do Paraná (Celepar). A empresa criada para cuidar de serviços de informática na administração estadual estava há anos em vias de ser extinta, com boa parte de seu quadro de profissionais de informática desviados de função e com grande número de terceirizados na administração. Havia várias empresas prestadoras de serviços e as licitações de informática apresentavam nota informando que a “Celepar não estava apta a prestar os serviços licitados”.

Segundo o diretor-presidente da Celepar, Marcos Vinicius Ferreira Mazoni, o panorama começou a mudar quando o Governo do Estado rompeu o contrato com a empresa Mi Montreal, responsável pelo processo de informatização do Departamento de Trânsito (Detran) naquele estado. O projeto ficou então aos cuidados da Celepar que optou por utilizar

Software Livre não só pela redução de custos, mas pelas possibilidades de personalização e adequação. Hoje a Celepar colhe os frutos dessa empreitada. No ano passado, o governo realizou um concurso para mais de 200 vagas na empresa. Está em andamento, também, a troca da sede por necessidade de mais espaço.

A Celepar e o Estado do Paraná são pioneiros na implantação de Software Público Livre, tendo como carro chefe o sistema de *groupware* Expresso, um sistema integrado de correio, agenda e catálogo de endereços utilizado por mais de 40 mil usuários somente na rede corporativa do estado.

O sucesso da Celepar com a filosofia do Software Livre possibilitou que as fronteiras do estado, e até mesmo do país, fossem quebradas. Hoje a empresa mantém projetos de cooperação para implantar ferramentas desenvolvidas por ela em outros estados e, no último dia 20 de abril, fechou, numa cerimônia em Curitiba com a presença do governador Roberto Requião e do presidente venezuelano Hugo Chávez, um acordo de cooperação com aquele país.

Para Mazoni, nada disso teria sido possível sem Software Livre, que possibilitou à Celepar o acesso às ferramentas necessárias para a produção de software de qualidade, com baixo custo e sem impedimentos de propriedade restritiva ■

* Analista de Suporte do SISEJUFE-RJ

1º de Maio: 120 anos de luta

Um dia diferente, ou igual ou pior do que os anteriores desde 1886. Depende do ponto de vista.



Vito Giannotti*

Para os trabalhadores franceses, há muito o que comemorar. Ou melhor, algo a comemorar. A vitória dos estudantes e dos trabalhadores contra um artigo da lei de Modernização do Trabalho que o governo neoliberal queria impor é uma vitória, sim. Mas é parcial. Afinal toda a lei da chamada "modernização do trabalho" segue seu caminho. As enormes manifestações só conseguiram fazer retirar, provisoriamente, um artigo da lei. A greve dos operários, lado a lado dos estudantes, foi a maior desde 1968. Fazia tempo que a França não via mais de três milhões de manifestantes nas ruas. E a lição ficou: só com luta se consegue vitórias.

Neste 1º de Maio, então, os trabalhadores franceses têm o que comemorar: uma vitória contra as forças do neoliberalismo que pareciam invencíveis, eternas, definitivas. Uma vitória que forçou as centrais sindicais e os partidos a correrem atrás dos acontecimentos. Uma vitória que

“No Brasil, poucas categorias tiveram conquistas de relevo nos últimos anos. Poucas grandes lutas foram realizadas pelos trabalhadores de uns tempos pra cá”

mostrou que os mártires de Chicago de 1886 não lutaram e não morreram em vão. Sua lição ficou.

A América Latina comemora

Para muito trabalhadores da América Latina, também este 1º de Maio teve o que comemorar. Na Venezuela, o povo e os trabalhadores em especial comemoraram mais um ano de avanços sociais e organizativos. Um ano em que a saúde, a escola, a comunicação alternativa das classes populares avançaram enormemente. Na Bolívia, pela primeira vez os índios, legítimos

donos daquela terra, podem andar de cabeça erguida e sonhar em ser reconhecidos como gente, como donos do seu futuro. E assim, em vários outros países da nossa América Latina, as massas populares estão em situação mais favorável do que há uma década.

As manifestações do 1º de Maio tiveram um sentido diferente, em 2006, seja para os mineiros da Bolívia, como para os trabalhadores da Argentina, da Venezuela e do Peru. Uma década atrás, o continente jazia debaixo das botas incontestes do imperialismo norte-americano. Hoje, é possível pensar num outro futuro.

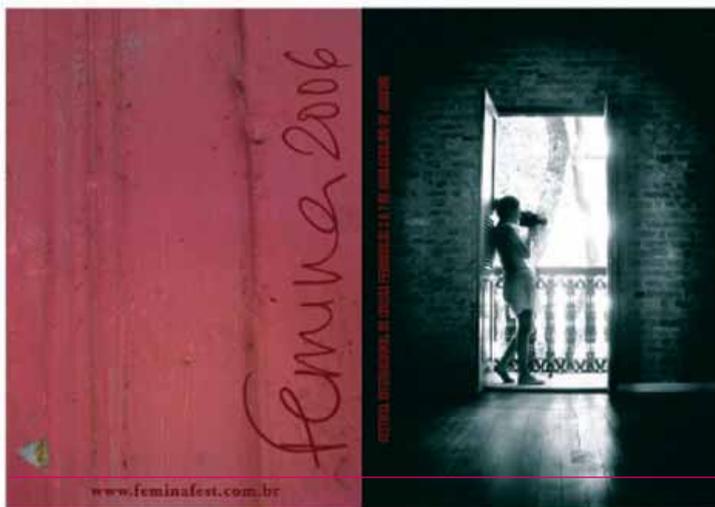
No Brasil

Já tivemos 1º de Maio bem mais animados, nos últimos 25 anos, no Brasil. O de 2006 não é dos mais felizes. Poucas categorias tiveram conquistas de relevo nos últimos anos. Poucas grandes lutas foram realizadas pelos trabalhadores de uns tempos pra cá. Estiveram muito longe dos três milhões da França. As comemorações deste 1º de Maio refletiram este clima.

Em muitas cidades e capitais houve dificuldade em perceber que este dia seria e deveria ser de luta, de manifestações e de continuação dos 120 anos daquele 1º de Maio de Chicago.

Mas, mesmo em nosso país, há quem tenha o que comemorar. Os trabalhadores rurais sem terra, organizados no MST, estão aí para nos lembrar a mesma lição dos mártires de Chicago, e dos trabalhadores e estudantes franceses do mês passado. A lição é a mesma: quem luta pode vencer. Sem luta, certamente não haverá vitórias ■

* Coordenador do NPC



Festival Internacional de Cinema Feminino

O Femina é um Festival de Cinema dirigido por mulheres. A proposta chega como uma inovação no Brasil e na América Latina. Na Europa nas décadas de 60/70, junto com a ascensão do movimento feminista já ocorriam festivais específicos. O intuito era dar visibilidade ao trabalho das mulheres na área cinematográfica.

O Femina 2006 homenageou Tizuka Yamasaki com a apresentação dos filmes *Pátria Amada*, *Gaijin*, *Parahyba Mulher Macho* e *Fica Comigo*. Foram sete dias de muito cinema, discussão e premiação. Este ano aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil, de 1º a 7 de maio. O evento contou com a participação de convidadas internacionais como a diretora Paola Paoli, de um dos festivais mais antigos, o Festival Laboratório *Immagine Donna*, de Florença, na Itália.

O Femina além de ter a mostra competitiva e as exibições dos filmes conta, também, com mesas de debates sobre a temática feminista, como *Aborto – Direito ou Crime*, *Feminismo – Conceito e Distorções*; *A mulher contemporânea* e *a Cultura Empreendedora*, sempre com a apresentação de um filme antes das mesas e com a participação de mulheres do movimento feminista, de mulheres empreendedoras ou diretoras de cinema.

O festival tem a intenção de contribuir na mudança das visões estereotipadas e pejorativas sobre mulher nos meios de comunicação, na arte e na cul-

“O Rio de Janeiro mais uma vez demonstra a sua vocação de vanguarda com iniciativas que dão visibilidade ao trabalho e a criação feminina”

tura, além de discutir o posicionamento do seu papel nas diversas áreas. Esta realização só é possível graças ao apoio financeiro do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do governo federal, do Fundo Ângela Borba e do Consulado da Mulher.

O Femina é uma iniciativa de um grupo de produtores de cinema que preenche uma necessidade de divulgação e de incentivo à produção de cinema dirigidos por mulheres. É, portanto, uma ação afirmativa das mulheres onde podemos encontrar trabalhos de alta qualidade, com criatividade e sensibilidade. O festival se consolida como mais um espaço de qualificação do trabalho feminino. E vai resgatar os trabalhos das mulheres na cinematografia brasileira e latino americana.

Vale conferir no próximo ano.

O Rio de Janeiro mais uma vez demonstra a sua vocação de vanguarda com iniciativas que dão visibilidade ao trabalho e a criação feminina ■

Premiação do Festival

Melhor Filme de estudante: *Cousin Cousine*, de Marta Mohr, Alemanha, UDK Berlin University of the Arts, curta-metragem

Destaque feminino: Justine Wright, montadora do filme *River Crossing*, Inglaterra

Curtas

Direção: Ulla Bay Luehssen, por *Der Kleine Prinz* (Alemanha) e Katell Quillévére, por *Á Brás lê Corps* (França)

Filme: *Svergliarsi in mezzo al maré*, de Sophie Watzlawick, Alemanha

Longas:

Direção: Marília Rocha, por *Aboio*, Brasil

Filme: *Ungdommens Raskap*, de Margareth Olin, Noruega/Dinamarca

Carajás 10 anos de impunidade

Reprodução

No último dia 17 de abril, o Massacre de Eldorado dos Carajás, no Estado do Pará completou 10 anos. Naquele dia, três mil trabalhadores sem terra ocuparam a rodovia PA-150 a caminho de Marabá para exigir a desapropriação da Fazenda Macaxeira, conhecido latifúndio improdutivo da região. A Secretaria Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) relembra: eles foram cercados por duas tropas de militares, que abriram fogo para cumprir a ordem do então governador do Pará, Almir Gabriel (PSDB), de desobstruir a pista a qualquer custo. Os policiais saíram dos quartéis de Parauapebas e Marabá sem identificação na farda e no armamento e avisaram os médicos e ambulâncias para ficarem de plantão!

Os relatos dos sobreviventes revelam cenas da tragédia. "Eles chegaram dos dois lados e nós ficamos no meio. Não tínhamos condição de fazer nada. Um monte de policiais armados com fuzil e metralhadoras!", conta Avelino Germiniano, de 51 anos. "Quando os ônibus de Marabá chegaram com os policiais, eles já desceram e deram uma rajada para cima. Achamos que era só para nos intimidar. Começamos a gritar palavras de ordem. Tinha um companheiro surdo-mudo, ele não entendeu nada e foi em direção aos policiais, o finado Amâncio. Ele foi o primeiro que caiu", lembra Miguel Pontes da Silva, de 42 anos.

Aviôlência sem limites deixou oficialmente 19 trabalhadores mortos. Outros três morreram depois em consequência dos ferimentos. Até hoje, não se tem



©1999 Sebastião Salgado

certeza se o número corresponde à realidade. "Eu acho que morreram mais de 100 pessoas. Eu queria saber sobre as crianças e as mulheres que estavam lá. Nenhuma apareceu, só os homens. Muita gente diz que viu um caminhão e um carro pequeno, cobertos de lonas pretas e sangue, descendo para o sentido de Xinguara", recorda José Carlos Agarito, de 27 anos.

Agarito e os demais sobreviventes vivem hoje no assentamento 17 de abril: Mártires de Carajás. Para o MST, só o sacrifício humano do Massacre de Eldorado dos Carajás fez com que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) reconhecesse a improdutividade da Fazenda Macaxeira. Entre os assentados estão 70 pessoas que ficaram gravemente feridas. Até hoje, elas recebem assistência médica precária e ainda não foram indenizadas. Junto

com as 13 viúvas, elas aguardam o resultado do processo na Justiça.

Sem punição

Três julgamentos do Massacre foram realizados. Nenhum dos 142 soldados envolvidos no caso foi punido. Os dois comandantes responsáveis pela operação, coronel Mário Colares Pantoja e major José Maria Pereira de Oliveira, apesar de condenados a 264 anos pelo júri popular, aguardam em liberdade o julgamento de recursos no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Segundo o MST, nesse meio tempo, policiais envolvidos também participaram do assassinato de dois líderes do movimento na região, Fusquinha e Doutor, junto com fazendeiros de Parauapebas. O processo está parado até agora ■

(*) agência de notícias Adital



Greenpeace protesta contra entrada de soja da Amazônia na Europa

Um dia após o Greenpeace lançar internacionalmente, na primeira semana de abril, o relatório "Comendo a Amazônia", ativistas da organização impediram por mais de quatro horas que o navio W-One desembarcasse no porto de Amsterdã, na Holanda. Este navio foi utilizado pela multinacional estadunidense Cargill para transportar para a Europa soja cultivada na Amazônia.

Durante a ação, onze ativistas posicionaram e moveram estrategicamente cinco botes infláveis para evitar que o barco W-One atracasse e descarregasse. A carga em questão (milhares de toneladas de grãos de soja) havia sido trazida do porto utilizado pela Cargill, em Santarém, no Pará. Segundo o Ministério Público Federal, este porto foi construído ilegalmente, já que não apresentaram o Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), necessário para obras deste porte.

Um dos botes, que havia se colocado entre o W-One e a doca, foi prensado

pelo navio, mas ninguém se machucou. Faixas com os dizeres "Crime Ambiental" foram abertas pelos ativistas no local.

Apesar de a Cargill alegar que o produto poderia ter sido cultivado no sul da Holanda, o Greenpeace tem provas de que a soja carregada pelo navio W-One foi produzida na Amazônia, nos estados de Rondônia e Pará, por exemplo.

"A Cargill tem um papel central neste comércio que está destruindo a Amazônia porque ela viabiliza a invasão criminosa da soja na floresta", afirma Paulo Adário, coordenador da campanha Amazônia, do Greenpeace.

O relatório "Comendo a Amazônia", publicado pelo Greenpeace Internacional, revela que a Cargill negocia com fazendeiros inescrupulosos, que grilaram e desmataram ilegalmente áreas públicas e terras indígenas. Alguns utilizaram até mesmo trabalho escravo. Resultado de um ano de investigação sigilosa, nas regi-

ões de produção e consumo de soja, baseada em análise de imagens de satélites, sobrevôos, estudo de dados do governo e pesquisas de campo, o documento evidencia ainda como a demanda mundial por soja alimenta a destruição da maior floresta do mundo.

Além da Cargill, o papel de outras duas multinacionais estadunidenses – ADM (Archier Daniels Midland) e Bunge – na invasão da Amazônia também é exposto pelo relatório do Greenpeace. Elas atuam incentivando o desmatamento ilegal, a grilagem de terras e a violência contra as comunidades locais.

A investigação mostra também como a soja amazônica é utilizada para alimentar animais e acaba nas prateleiras de supermercados e redes de *fast-foods* da Europa, como *McDonald* e *KFC*. Além da ação realizada na Holanda, inúmeras iniciativas ocorreram em restaurantes *McDonald*, a maior cadeia de *fast food* do mundo, na Inglaterra e na Alemanha ■

O impedimento de Lula

É difícil imaginar até que ponto o interesse de setores da OAB, sobretudo a seção paulista, se voltam para os interesses tucanos. Por tucanos entendamos os colonizadores atuais do Brasil. São meros agentes.

Laerte Braga



Quando um político mentiroso como José Serra, sem caráter nenhum, só ambições pessoais e disposição de servir aos patrões, diz que vai disputar eleições com candidatos desqualificados, além da soberba natural e repulsiva de gente como ele, está também dizendo que os milhões que preferiam Lula a ele são desqualificados da mesma forma.

Pouco antes de renunciar à Prefeitura de São Paulo, para concorrer ao governo do estado, depois de prometer por escrito e com documento registrado em cartório cumprir o mandato até o final, um comentário sobre Serra chamava a atenção: em dificuldades no contato com o público, pouca paciência, mas entre amigos e ambientes menores é sedutor e cativante, carismático.

O "Jornal do Brasil" noticiou uma pesquisa feita em 23 e 30 de março, em que há um registro de crescimento de Lula. E mostra uma tendência a que as eleições de outubro sejam definidas no primeiro turno, isso com a candida-

tura de Geraldo 400 Vestidos Alckmin. A chamada grande imprensa escondeu a pesquisa. É do IBPS. Na hipótese do PMDB não disputar as eleições com candidato próprio, Lula seria reeleito já no primeiro turno.

Há um massacre do governo por parte da mídia. A própria "Globo", que se escora naquele lero lero de ouvir as duas partes, está indefinida. Era lulista, agora nem tanto, espera para ver para que lado corre o rio.

Há uma diferença abissal entre 1964 e 2006, de contexto de tempo e espaço. Como entre João Goulart e Lula. Jango era um homem da elite com visão popular e Lula um sindicalista deslumbrado com as elites. (...) Nem por isso, no entanto, Lula traz dentro de si o espírito udenista. UDN é uma praga. Uma erva daninha. Partido das elites urbanas e que, hoje, deitou ramos de sobrevivência no PSDB, no PFL, algumas mudas no PMDB, no próprio PT (alguns setores são como que UDN de tamancos).

A sensação que todo esse massacre

do governo Lula, malgrado os equívocos, as trapalhadas, mas a sensação que todo esse massacre causa é de fato de conspiração. Ou bem ou mal Lula não privatizou o Banco do Brasil. Nem a Petrobras. Muito menos a Caixa Econômica. Deixou de lado as negociações com os Estados Unidos para a Alca. FHC havia deixado acertada com Bill Clinton a data da assinatura da escritura de posse do Brasil para 2005. O país exporta hoje pelo menos 300% mais do que exportava para Cuba. Há alguma integração com o governo Chávez. Tudo isso são interesses contrariados do grande capital. Há um complô das elites contra Lula sim. Não quer dizer que Lula seja o sétimo céu. O paraíso. Nada disso(...).

O ano de 2006 não reproduz 1964 e nem se está afirmando isso aqui. Mas é complô de forças udenistas hoje travestidas de tucanas, pefelistas, intérpretes de banqueiros, latifundiários, dos grandes conglomerados, lá isso é, com toda a certeza ■

Direita mostra as suas garras



Alckmin: herdeiro político de Mário Covas.

Mário Augusto Jakobskind

O Brasil continua sob o impacto das denúncias relacionadas a atos de corrupção no governo Lula. Mas, de um modo em geral, na cobertura da mídia predomina o espírito moralista e golpista da velha UDN, um partido que, antes de 1964, sensibilizava a classe média e vivia nos quartéis conspirando. No Congresso não é de agora que se escondem falcatruas para favorecer as elites, responsáveis pela situação de desigualdade social no país. É neste contexto que devem ser lembrados fatos que caíram no esquecido baú da história. Alguns colunistas tentam convencer a opinião pública que o “mensalão” começou no governo do PT. Outros preferem apontar o início em 1998, com o então candidato a governador de Minas

“No Congresso não é de agora que se escondem falcatruas para favorecer as elites, responsáveis pela situação de desigualdade social no país. É neste contexto que devem ser lembrados fatos que caíram no esquecido baú da história”

Gerais e hoje senador, Eduardo Azeredo (PSDB). Nem uma coisa, nem outra. O esquema de dinheiro suspeito, destinado às campanhas políticas ou mesmo à compra de parlamentares, remonta a décadas passadas.

Falcatruas do gênero aconteciam antes de 1964. Um dos fatos mais marcantes em matéria de corrupção, e que caiu totalmente no esquecimento, diz respeito à “doação” de milhões de dólares, em 1962, feita pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), que de democrático só tinha o nome, para iludir incautos, como documenta, de forma magistral, o livro “1964: A Conquista do Estado”, do professor René Dreifuss. Em 1962, às vésperas da renovação do Congresso brasileiro e dos governos estaduais, o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, mandou uma circular ao Departamento de Estado chamando a atenção para “o alto interesse das eleições brasileiras” daquele ano.

Depois do alerta do golpista

Gordon, como comprova o livro de Dreifuss, empresas como Esso, Texaco, Shell, Bank of America, Readers Digest, o próprio Departamento de Estado dos EUA e numerosos banqueiros como Olavo Setúbal, Válder Moreira Sales, Magalhães Pinto (então candidato ao governo de Minas, para o qual seria eleito), Ângelo Calmon de Sá e Herbert Levy – para não falar de empresários que temiam as reformas de base – fizeram doações para garantir a eleição de uma banca conservadora, e, assim, manter os privilégios de sempre.

Um jovem economista despontava no rol dos ideólogos do Ibad nesta época. Era nada mais nada menos que Pedro Malan, que viria a ser ministro da Fazenda de Fernando Henrique Cardoso. Malan leva adiante tudo o que a direita de antes de 1964 almejava, ou seja: liquidar o Estado brasileiro e entregar as estatais de mãos beijadas à iniciativa privada.

Entre os parlamentares que se elegeram com a ajuda do Ibad encontram-se figuras cultuadas até por setores da “inteligência” brasileira, como Mário Covas, um dos fundadores do PSDB e governador de São Paulo. Covas chegou a ser cassado em 1968, por discordar dos rumos do regime ditatorial, mas nos anos 80 e 90 voltou ao leito de origem do Ibad, defendendo um “choque de capitalismo”, ou seja, o programa posto em prática por Fernando Henrique Cardoso. Geraldo Alckmin acabou se transformando no herdeiro político de Covas e, hoje, almeja ser presidente da República. Está ou não de volta a velha UDN, golpista e moralista, travestida de moderna? A mesma UDN que sempre fez das suas e contava com o silêncio da mídia conservadora e, nos anos de chumbo, com a ajuda da censura ■

V Encontro de luta contra a Alca

Idania Trujillo*

Depois de quatro dias de intensos debates, os participantes do V Encontro Hemisférico de luta contra a Alca divulgaram o plano de ação e a declaração final do evento que reuniu em Havana cerca de 400 representantes de diferentes redes e campanhas do continente que se opõem aos tratados de livre comércio e suas conseqüências. No encerramento, a que assistiram estudantes de vários países latino-americanos e caribenhos que estudam medicina em Cuba, foi apresentada a agenda de ação da Aliança Social Continental, um foro de organizações e movimentos sociais progressistas das Américas criado para trocar informação, definir estratégias e promover ações conjuntas, que buscam um modelo de desenvolvimento alternativo e democrático, que beneficie nossos povos.

O encontro, voltado para as atuais conjunturas políticas e levando em conta as necessidades de criar estratégias de luta que propiciem a unidade dentro da diversidade, criou e facilitou espaços para que as redes e campanhas pudessem reunir – e desenhar as suas próprias estratégias, a articulação e a construção de alternativas regionais.

Neste mesmo sentido, os representantes de organizações, movimentos e outras redes e campanhas socializaram suas experiências de maneira que puderam articular planos de ações comuns em torno de questões mais relevantes que hoje fazem parte da agenda dos movimentos sociais na região. Entre os temas estão a oposição ao livre comércio em todas suas complexas e diversas

formas de expressão – Alca, OMC, TLCs, Cafta – Acordos bi-regionais ou bilaterais com a União Européia (Epas), TLCAN – mais, entre outros – a resistência à ofensiva militarista, a oposição ao esquema financeiro da globalização neoliberal e suas instituições financeiras internacionais, a luta contra a OMC e a construção de alternativas a favor da integração de nossos povos. Também foram tratados o desafio e a oportunidade de avançar com propostas alternativas derivadas da consolidação do quadro político marcado pela chegada ao poder de governos eleitos com propostas políticas contra-hegemônicas, e de iniciativas de integração regional diferentes das do livre comércio.

Entre as organizações presentes no evento, destacam-se a CLOC, COMPA, CADA, Jubileu Sul, MMM – REMTE, OCLAE e a rede de redes Em Defesa da Humanidade. Ao calor dos debates surgiu uma nova, a Rede Mundial de Juristas, com o propósito de orientar legal e juridicamente o enfrentamento social à Alca, como projeto de recolonização do continente.

Muitas das ações propostas pelos movimentos sociais presentes neste V Encontro, respondem as manobras de Washington, empenhado em fazer valer seus objetivos de dominação mediante a concertação dos TLCs com regiões ou países em separado. Nesse sentido, se convocou um boicote aos produtos norte-americanos para o 1º de Maio, com o objetivo de demonstrar o peso dos imigrantes na economia estadunidense e em apoio às recentes manifestações dessas pessoas ■

(*) Minga Informativa de Movimentos Sociais



Bolívia entra numa nova etapa



Mário Augusto Jakobskind

O que acontece quando um presidente latino-americano cumpre as suas promessas de campanha e passa a defender os interesses do povo, não se dobrando ao neoliberalismo? A resposta não é difícil: o dirigente será tratado como um demônio pela mídia conservadora. É o que está acontecendo com o presidente da Bolívia, Evo Morales, sobretudo agora quando ele decretou a nacionalização dos hidrocarbonetos, ou seja, desde o último dia 1º de maio, o gás e o petróleo boliviano passaram a ser controlados pelo povo daquele país. A mídia conser-

Mídia demoniza Morales porque ele não é traidor

vadora brasileira indignou-se, sobretudo a TV Globo. Os jornais do Rio e São Paulo foram unânimes nas críticas, parecendo até que a idéia dos editoriais saiu de uma mesma forma.

O decreto do presidente boliviano foi "analisado" (o certo são as aspas mesmo) de forma medíocre, como se Morales fosse um meliante e não cumpridor de acordos. Esqueceram de um detalhe fundamental para começar a entender o que aconteceu. Tanto a Petrobras, quanto as outras empresas petrolíferas, como a espanhola Repsol, tinham feito acordos com governos anteriores que não primavam pela defesa dos interesses do Estado boliviano. O país mais po-

bre da América do Sul era até bem pouco tempo governado por presidentes subservientes aos interesses externos. De Hugo Banzer, a Sanchez de Losada, passando por Carlos Mesa, a Bolívia sempre foi território livre das multinacionais, que mandavam e desmandavam, juntamente com a Embaixada dos EUA, cujos embaixadores chegavam até a nomear comandantes do Exército.

A partir de 1º de maio de 2006, o Estado boliviano recuperou a propriedade, a posse e o controle total e absoluto de todos os recursos hidrocarbonetos e "as empresas que atualmente realizam atividades de produção de gás e petróleo estão obrigadas a entregar a propri-

idade à estatal Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB)". Tem mais, "a YPFB, em representação do Estado, assume a comercialização dos hidrocarbonetos, definindo as condições, volumes e preços, tanto para o mercado interno, como a exportação e a industrialização".

"Na Bolívia existe um presidente da República que cumpre as promessas de campanha. Não é como outros dirigentes latino-americanos, que prometeram uma coisa na campanha e fizeram exatamente o contrário quando chegaram lá."

Haverá um período de transição de 180 dias até que o valor de produção dos hidrocarbonetos seja de 82% para o Estado e 18% para as companhias, percentuais estes, segundo Morales, que cobrem o custo de operação, amortização e investimentos e utilidades. O governo boliviano, por meio do Ministério de Hidrocarbonetos, determinará, caso por caso, mediante auditorias, os investimentos realizados pelas companhias estrangeiras, bem como suas amortizações, custo de operação e rentabilidade obtida em cada campo de exploração de petróleo e gás natural. Os resultados vão servir de base para a YPFB determinar "a retribuição ou participação definitiva correspondentes às companhias nos novos contratos".

Na Bolívia existe um presidente da República que cumpre as promessas de campanha. Não é como outros dirigentes latino-americanos, que prometeram uma coisa na campanha e fizeram exatamente o contrário quando chegaram lá. ■

Quem tem medo da reforma agrária?



Ao passear pelos centros das grandes cidades brasileiras, a exposição da miséria física e espiritual dos que nada tem além da vida por um fio, convenceu-me de que impedir uma reforma agrária justa e decente além de genocídio é tentativa de suicídio. Não dos grandes latifundiários que têm apartamentos em Paris, Miami e Nova York mas do que resta da classe média. É verdade que alienaram o nosso povo e acabaram com sua cultura mas se lhe derem uma chance ele ainda pode organizar-se pacificamente. Caso contrário não saberá distinguir entre banqueiro e o bancário que tenta imitá-lo. Vou lhes contar uma história para fazer pensar quem ainda pensa.

As cooperativas espanholas foram criadas pelos trabalhadores durante a Guerra Civil em 1933. Franco declarara guerra ao governo eleito democraticamente e o país não tinha uma efetiva liderança central. Resultado: camponeses e operários fundaram suas próprias instituições para administrar as fábricas e fazendas na área não controlada pelas forças franquistas e esta-

beleceram uma milícia de luta. Cerca de 5 milhões de pessoas administravam 1.700 cooperativas agrícolas e 80% das fábricas.

Os operários tomaram as fábricas e elegeram seus gerentes técnicos e administrativos que podiam ser substituídos pelo conselho de operários. Para alimentar a população os sindicatos do setor juntamente com os empregados de hotéis, bares e restaurantes, criaram salões de jantar comunitários em todas as cidades vizinhas onde mais de 120 mil pessoas tomavam café da manhã, almoçavam e jantavam diariamente. Foram criados silos e armazéns de atacado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Alimentícia. Os empregados tornaram-se seus próprios patrões, estipulavam seus próprios salários e o sistema que abrangia toda a região da Catalunha era coordenado por 500 trabalhadores.

As mudanças foram ainda mais naturais no campo. As terras expropriadas foram transferidas para os sindicatos camponeses que organizaram as primeiras comunidades. A Federação

Regional do Levante, por exemplo, controlava províncias com uma população de mais de 1 milhão e setecentos mil camponeses que eram donos de 80% das terras mais férteis do país. As cooperativas agrárias eram 340 em 1933 e em 1937 nada menos que 900. No fim de 1938, 40% da população vivia delas.

Aos fazendeiros que não aderissem era permitido cultivar suas próprias terras desde que não empregassem mão de obra assalariada.

Ninguém mandava realmente. Mesmo o Conselho Nacional do Trabalho não podia fazer o que bem entendesse pois tinha de ter o consentimento em convenções e congressos. Tratava-se de uma tentativa de organizar o povo tendo como bases a ajuda mútua e a solidariedade.

Em 1938, Franco e seus fascistas venceram a guerra. As cooperativas, apesar de todo o seu sucesso, foram fechadas à força. E a noite se abateu sobre a Espanha. A última cooperativa rendeu-se no dia dois de maio, 67 anos atrás. Ombros cansados, aguardo as mentiras da campanha eleitoral ■

I Torneio de Futsal SISEJUFE-RJ Taça João Saldanha



Grupo A	J	V	D	E	GP	GC	SD	PG
Chope Duplo	-	-	-	-	-	-	-	-
SEMAN RB	-	-	-	-	-	-	-	-
Embaló B	-	-	-	-	-	-	-	-
11 Tris	-	-	-	-	-	-	-	-

Grupo B	J	V	D	E	GP	GC	SD	PG
Embaló A	-	-	-	-	-	-	-	-
Seguranças	-	-	-	-	-	-	-	-
Justiceiros	-	-	-	-	-	-	-	-
Amontoados	-	-	-	-	-	-	-	-

8 times – 1ª fase

1ª rodada

15 de maio, 21h: Grupo 1: Chope Duplo x Seman Rio Branco
 16 de maio, 21h: Grupo 1: Embaló B x 14 Tris
 17 de maio, 21h: Grupo 2: Embaló A x Seguranças
 18 de maio, 21h: Grupo 2: Justiceiros x Amontoados

2ª rodada

20 de maio:
 10h: Grupo 1: Chope Duplo x Embaló B
 11h: Grupo 1: Seman Rio Branco x 14 Tris
 12h: Grupo 2: Embaló A x Justiceiros
 13h: Grupo 2: Seguranças x Amontoados

3ª rodada

22 de maio, 21 h, Grupo 1: Chope Duplo x 14 Tris
 23 de maio, 21h: Grupo 1: Seman Rio Branco x Embaló B
 24 de maio, 21h: Grupo 2: Embaló A x Amontoados
 25 de maio, 21h: Grupo 2: Seguranças x Justiceiros

4ª rodada

27 de maio:
 10h: Grupo 2: Justiceiros x Amontoados
 11h: Grupo 2: Embaló A x Seguranças
 12h: Grupo 1: Embaló B x 14 Tris
 13h: Grupo 1: Chope Duplo x Seman Rio Branco

5ª rodada

29 de maio, Grupo 1: Chope Duplo x Embaló B
 30 de maio, Grupo 1: Seman Rio Branco x 14 Tris
 31 de maio: Grupo 2: Embaló A x Justiceiros
 1º junho: Grupo 2: Seguranças x Amontoados

6ª rodada:

3 de junho:
 9 h: Grupo 2: Seguranças x Justiceiros
 11h: Grupo 2: Embaló A x Amontoados
 12h: Grupo 1: Seman Rio Branco x Embaló B
 13h: Grupo 1: Chope Duplo x 14 Tris

APOIO

**COLÉGIO
BELISÁRIO
DOS SANTOS**

MONGERAL

LANGLEY

GREVE
ou **0%**
A!!!
Sindicato
Federação dos Servidores do Brasil
FSTEB e CDT e FENASFI

PCS!!! GREVE
ou **0%**
A HORA
é **AGORA!!!**
Sindicato
Federação dos Servidores do Brasil
FSTEB e CDT e FENASFI

